

**20/5/1985**

**Trabalho**

**Bóias-frias uma nova tentativa de acordo.**

*As possibilidades de se chegar a um acordo hoje, na DRT, são pequenas. E a greve já está marcada para amanhã.*

Uma reunião, talvez a última, entre a Faesp e a Fetaesp, hoje de manhã na Delegacia Regional do Trabalho, em São Paulo, sob mediação do ministro Almir Pazzianotto, é a tentativa final para se evitar a deflagração de uma greve de bóias-frias em todo Estado. O ministro do Trabalho fez um apelo aos representantes dos trabalhadores rurais, que concordaram em não iniciar a greve hoje, adiando-a para amanhã, se não houver acordo.

Hélio Neves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara, recebeu o apelo de Pazzianotto e, após discutir a questão com outros diretores da Fetaesp, que estavam sábado em sua cidade, respondeu afirmativamente — desde que isso fosse aceito nas assembléias dos trabalhadores —, com a condição: que a reunião de hoje seja a última, só terminando com uma definição, a favor ou contra a pretensão dos bóias-frias.

Além de reclamar melhores níveis de remuneração pelo corte da cana na safra que se iniciou este mês, a Fetaesp quer contrato de um ano de trabalho (e não apenas durante a safra) e coloca como questão fundamental que a produção do cortador de cana seja aferida por metro e não por tonelada, reivindicações que a Faesp está relutando em aceitar, contrapropondo apenas com um reajuste de 24845 sobre maio de 84, por tonelada cortada.

Antes do apelo feito pelo ministro, 32 presidentes de sindicatos dos trabalhadores rurais, reunidos em Araraquara, tinham como certo que as assembléias desse fim de semana aprovariam a greve a partir de hoje. Até disseram que "foi difícil segurar os bóias-frias até aqui". Havia, no entanto, o compromisso da Fetaesp, de não iniciar a paralisação enquanto as negociações estivessem em curso.

Dentro desse princípio, diretores e advogados da Fetaesp — além de políticos que participaram das assembléias — buscaram ontem não fazer discursos inflamados em defesa das reivindicações dos bóias-frias, ponderando que seria racional esperar mais um dia, antes de deflagrar a greve. A proposta foi aceita pelos trabalhadores, que voltam às assembléias hoje à noite, para deliberar sobre o que for discutido na DRT.

"A greve, a partir de terça-feira. (amanhã), parece inevitável, porque os patrões não se mostram dispostos a oferecer mais do que suas propostas iniciais, apesar dos esforços do ministro Almir Pazzianotto", disse Hélio Neves, advertindo que "este ano, será uma greve em todo o Estado".

Em maio de 84, a greve atingiu apenas a região de Ribeirão Preto, maior área de produção canavieira do Estado, começando por Guariba. Este ano, Guariba não sai na frente, porque "os trabalhadores desta cidade ficaram marcados e alguns até encontraram dificuldade para conseguir emprego", afirmou José de Fátima, presidente do sindicato local, que nem marcou assembléia para ontem.

O sindicato de Guariba é controlado pelo PT, enquanto todos os demais sofrem influência do PMDB. Isso não vem ao caso, garante Hélio Neves, dizendo que o movimento dos bóias-frias é de caráter trabalhista, sem conotação política. Diz também que a Fetaesp não está filiada nem à Conclat, nem à CUT, e que já afirmou aos dirigentes dessas entidades, da Comissão

Pastoral da Terra e de partidos políticos que “aceitamos o seu apoio, mas não nos subordinamos à nenhum de vocês”.

Para a greve, os trabalhadores rurais estão este ano mais organizados e a Fetaesp até vai instalar um QG, que deverá ficar em Sertãozinho. “Nossa pretensão é uma organização melhor, a cada greve”, diz Hélio Neves. No ano passado, a greve que começou em Guariba — marcada por incidentes, inclusive depredação de prédios da Sabesp e saque a um supermercado — foi decidida pelos próprios trabalhadores sem a tutela do sindicato, que na época ainda não existia. Guariba era subordinada ao sindicato de Jaboticabal.

A greve deste ano, iminente a partir de amanhã, será pacífica, afirmam diretores da Fetaesp, “a menos que os trabalhadores sejam agredidos pela polícia, porque violência gera violência”.

### **Assembléia**

Numa assembleia realizada ontem de manhã, no Ginásio de Esportes Pedro Ferreira dos Reis, o “Docão”, em Sertãozinho, Hélio Neves pediu que os trabalhadores dessem um voto de confiança ao ministro do Trabalho, “que depende de nós para continuar no governo”. Os 400 bóias-frias presentes deram um ultimato: ou os empresários se tornam mais flexíveis ou eles entram em greve a partir de amanhã. “Não dá mais para esperar, pois estão fazendo a gente de bobo e meu estômago não aguenta mais”, protestou José Feliciano, 32 anos, ao defender uma proposta de paralisação a partir de hoje.

A maior preocupação dos dirigentes sindicais era com Pontal, uma cidade de 20 mil habitantes, sendo oito mil bóias-frias, a 40 quilômetros de Ribeirão Preto, onde o clima de tensão é muito grande. Na sexta-feira, um grupo de 600 bóias-frias aproveitou a audiência do presidente do sindicato, Jairo da Costa, e deflagrou uma greve na Destilaria Bazan. Os 16 líderes do movimento foram demitidos e parte dos trabalhadores resolveu voltar ao trabalho no sábado, acirrando mais os ânimos.

No sábado à noite, durante uma assembléia, cerca de 400 trabalhadores aceitara a proposta da Fetaesp de não parar hoje. “Foi muito difícil, pois o pessoal quer a greve e sabe que não dá mais para viver com esse salário de fome”, disse Costa, para quem é inevitável uma convulsão social na região. Em Barrinhas, Pitangueiras, Matão, Dobrada e Santa Rosa de Viterbo, cidades com grande número de bóias-frias, a decisão foi a mesma.

Almir Pazzianotto mandou à região seu assessor, Plínio Sarti, que explicou aos sindicalistas que a adesão dos bóias-frias às greves que estão sendo desencadeadas em todo o País poderia provocar “um caos”. Os representantes dos trabalhadores foram claros: as assembléias convocadas para hoje à noite, na maior parte das cidades da região de Ribeirão Preto, está aguardando apenas um “sinal verde” da Fetaesp para iniciar a greve, prevendo que ela será mais ampla e “muito pior” do que as últimas, por causa da “irresponsabilidade” dos patrões e também porque nem todas as usinas de açúcar estão moendo normalmente.

Carlos Alberto Nonino (AE-Ribeirão Preto) e Galeno Amorim (AE-Sertãozinho).

**(Página 10)**